

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
EMILY SOARES LINHARES MENEZES

ESTADO ISLÂMICO, PÂNICO E MÍDIAS SOCIAIS: UMA BREVE  
ANÁLISE CONTEMPORÂNEA DO TERRORISMO NA REDE

RECIFE

2019

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ

CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

EMILY SOARES LINHARES MENEZES

**ESTADO ISLÂMICO, PÂNICO E MÍDIAS SOCIAIS: UMA BREVE  
ANÁLISE CONTEMPORÂNEA DO TERRORISMO NA REDE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Relações Internacionais da Faculdade Damas da Instrução Cristã, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de bacharelada. Sob orientação do Prof. Dr. Pedro Paulo Procópio de Oliveira Santos.

RECIFE

2019

**Ficha catalográfica**  
**Elaborada pela biblioteca da Faculdade Damas da Instrução Cristã**

<p>M543e</p>	<p>Menezes, Emily Soares Linhares. Estudos islâmico, pânico e mídias sociais: uma breve análise contemporânea do terrorismo na rede / Emily Soares Linhares Menezes. – Recife, 2019. 45 f. : il. color</p> <p style="text-align: center;">Orientador: Prof. Dr. Pedro Paulo Procópio de Oliveira Santos. Trabalho de conclusão de curso (Monografia – Relações Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2019. Inclui bibliografia</p> <p style="text-align: center;">1. Estado islâmico. 2. Mídia. 3. Redes sociais. 4. Terrorismo. I. Santos, Pedro Paulo Procópio de Oliveira Santos. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.</p> <p>327 CDU (22. ed.)</p>
--------------	--

FADIC (2020.1-615)

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ

CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

EMILY SOARES LINHARES MENEZES

**ESTADO ISLÂMICO, PÂNICO E MÍDIAS SOCIAIS: UMA BREVE  
ANÁLISE CONTEMPORÂNEA DO TERRORISMO NA REDE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Relações Internacionais da Faculdade Damas da Instrução Cristã, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de bacharelada. Sob orientação do Prof. Dr. Pedro Paulo Procópio de Oliveira Santos.

Aprovado em: 18/12/2019  
Nota: 7,00

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Orientador: Pedro Paulo Procópio de Oliveira Santos  
**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC**

---

Prof. Dr. Elton Gomes dos Reis  
**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC**

---

Prof. Dr. Antonio Henrique Lucena Silva  
**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC**

**RECIFE  
2019**

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer aos meus pais e a minha família por me incentivarem e por me ajudarem a me tornar tudo o que sou e pela inspiração a ser sempre melhor.

Agradeço ao meu namorado pela compreensão e suporte emocional durante esse trajeto e a sua família por sempre me acolher.

Agradeço aos colegas de faculdade e de trabalho pelo apoio e incentivo.

Agradeço ao Professor Orientador Pedro Paulo Procópio de Oliveira Santos pelo auxílio e paciência e dedicada orientação.

Aos professores Elton Gomes dos Reis e Antonio Henrique Lucena Silva, componentes da banca examinadora, pelas importantes observações apresentadas.

## RESUMO

O grupo terrorista Estado Islâmico, que cujo objetivo principal é de criar um Califado, recrutando e persuadindo jovens de todo o mundo, até mesmo os que não são adeptos às práticas da religião islâmica, através de sua propaganda expondo cenas de violência explícita, divulgadas em redes sociais, facilitando a disseminação desses materiais. O presente trabalho se desenvolveu a partir de pesquisas bibliográficas, sendo feita uma análise qualitativa. O trabalho tem como objetivo analisar como o Estado Islâmico utiliza as mídias sociais para disseminar o terrorismo em nível global. Dentre os objetos específicos, compreender o poder de influência que as mídias sociais têm sobre a população, assim como refletir sobre o Estado Islâmico na era da sociedade em rede, avaliar como o Hard Power pode ser uma resposta ao terror e verificar os impactos da Agenda-Setting na sociedade global. Ao concluir o estudo, é identificado que um dos métodos utilizados pelo o Estado Islâmico para atrair a atenção da mídia é por meios de vídeos e imagens violência, mas com linguagem simples e clara, sustentando a sua retórica em mitos islâmicos.

**Palavras-chave:** Estado Islâmico. Mídia. Redes sociais. Terrorismo

## **ABSTRACT**

The Islamic State terrorist group, whose main goal is to create a caliphate, recruit and persuade young people from around the world, even those who are not adherents of Islamic religion practices, broadcast their advertising exposing scenes of explicit violence, broadcast on social networks, facilitating the dissemination of these materials. The present work is made from bibliographical research, being made a qualitative analysis. The paper aims to analyze how the Islamic State uses as social media for global spread of terrorism. Among the objects used, understand the power of influence and social media on the population, as well as reflect on the Islamic State in the era of network society, evaluate how Hard Power can be a response to terror and check the impacts of the Agenda - Setting up a global society. In concluding the study, it is identified that one of the methods used by the Islamic State to detect media attention is by means of videos and images of violence, but with simple and clear language, maintaining its rhetoric in Islamic myths.

**Keywords:** Islamic State. Media. Social networks. Terrorism.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Gráfico 1 – Mortes por Terrorismo no Mundo (2003-2014) .....	30
Mapa 1 – Áreas de maior concentração de atividade do Estado Islâmico.....	32

## **LISTA DE SIGLAS**

ARPA – ADVANCED RESEARCH PROJECTS AGENCY

EI - ESTADO ISLÂMICO

EIIS - ESTADO ISLÂMICO DO IRAQUE E SÍRIA

EUA – ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

ISIS – ISLAMIC STATE OF IRAQ AND SYRIA

LAN – LOCAL AREA NETWORK

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

UPC – UNIÃO PATRIOTA DO CURDISTÃO

WAN – WIDE AREA NETWORK

WWW – WORLD WIDE WEB

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>1. INTERNET E REDES SOCIAIS: A NOVA ÁGORA DO MUNDO CONTEMPORÂNEO. ...</b>	<b>12</b>
1.1 Comunicação Social e Retórica na Grécia Antiga.....	12
1.2 Surgimento da Imprensa .....	14
1.3 O Mundo nas Ondas do Rádio e da TV .....	15
1.4 Do Universo Militar ao Cotidiano da População Global: ARPANET Vira Internet .....	18
<b>2. O HARD POWER COMO RESPOSTA AO TERROR E IMPACTOS DA AGENDA-SETTING</b> .....	<b>21</b>
2.1 Agenda-Setting: Conceitos e Relação com a Sociedade .....	21
2.2 Os Princípios do Hard Power e a Evolução Histórica .....	24
2.3 O Hard Power Como Combate ao Terror .....	26
<b>3. O ESTADO ISLÂMICO: O “TERROR” INVADE A SOCIEDADE EM REDE</b> .....	<b>28</b>
3.1 O Terrorismo e a Busca Por Visibilidade Midiática: Principais Episódios.....	28
3.2 Estado Islâmico: Um Panorama Histórico .....	31
3.3 O Estado Islâmico e o Terror a Um “Click” .....	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>40</b>

## INTRODUÇÃO

Os atentados de 11 de setembro de 2001 foram uma sequência de ataques suicidas contra os Estados Unidos determinado pelo grupo terrorista al-Qaeda, na qual terroristas sequestraram aviões comerciais de passageiros e atingiram as Torres Gêmeas do World Trade Center em Nova York e o Departamento de Defesa dos Estados Unidos, conhecido como Pentágono, na Virgínia. Cada momento do atentado foi registrado por emissoras de TV do mundo inteiro, fazendo com que após o 11 de setembro surgisse uma nova era midiática. E por conta disso, nos últimos anos, o terrorismo passou a se alimentar da mídia.

Os Estados Unidos, governado na época por George W. Bush, lançaram a campanha militar chamada de Guerra ao Terror, como resposta ao atentado terrorista do 11 de setembro, que em princípio invadiu o Afeganistão para destruir o Talibã que tinha abrigado o grupo da al-Qaeda e formou alianças com a Alemanha, Reino Unido e França para ajudar a combater o terrorismo. Essa atitude dos Estados Unidos fez com que várias organizações terroristas Sunitas se unissem e fundassem o Estado Islâmico do Iraque e do Levante, com o objetivo principal de criar novamente um Califado (estado teocrático) com as interpretações das leis Islâmicas e luta para que os “infiéis” se convertam para religião islâmica, para que a palavra de Alá e os ensinamentos do profeta Maomé sejam propagadas por todo o mundo.

No cenário atual das Relações Internacionais é recorrente se deparar com notícias de atos terroristas e sua nova forma, o digital, a partir do avanço das tecnologias e da influência da mídia, inseridas em um ambiente informacional. As pessoas com acesso às redes sociais como o Twitter acabam por descobrir novos atos terroristas que acontecem ao redor do mundo, muito antes de serem exibidos pelos noticiários e essa facilidade ao acesso à informação só foi possível com o avanço da tecnologia.

Este trabalho aborda o terrorismo como tema de relevante projeção atual. Trata em específico a questão da prática do terror por parte do terrorismo islâmico, com foco na organização terrorista Estado Islâmico do Iraque e da Síria (EIIS), mais precisamente Daesh. A pesquisa refere-se a esse grupo terrorista por motivos de que sua atuação é notada por todas as partes do globo, assim como o conjunto de suas características, a qual lhe atribui a organização hierárquica, financeira e estratégica e a sua capacidade de reconhecimento internacional.

O trabalho perpassa por áreas distintas das Relações Internacionais, além da área da comunicação, mas sem deixar de ressaltar os fundamentos referentes às Relações Internacionais. Nesta perspectiva este trabalho constitui, portanto, uma proposta de pesquisa cujo objetivo é analisar como o Estado Islâmico utiliza as mídias sociais para disseminar o terrorismo em nível global. Além disso, seus objetivos específicos incluem compreender o poder de influência que as mídias sociais têm sobre a população, assim como refletir sobre o Estado Islâmico na era da sociedade em rede, avaliar como o Hard Power pode ser uma resposta ao terror e verificar os impactos da Agenda-Setting na sociedade global.

Esse tema é relevante porque as Relações Internacionais, apesar de ser um campo interdisciplinar, não tem muitos estudos sobre mídia e a influência que ela gera na sociedade global, que hoje em dia, é uma sociedade em rede. Apesar de o terrorismo não ser um fenômeno atual, vem sendo muito discutido nas Relações Internacionais devido a sua nova forma, onde o terrorismo ameaça à paz e a segurança internacional, e assim, acaba por mostrar a fragilidade e os impactos causados nos Estados.

O presente trabalho se desenvolveu a partir de pesquisas bibliográficas, sendo feita uma análise qualitativa, de caráter exploratório, buscando compreender o comportamento do Estado Islâmico para com a mídia, a qual se guiará em fatores históricos apresentados pela mídia, para discorrer sobre seus objetivos. No que tange à estruturação do trabalho ele se segmenta em três capítulos. O primeiro faz uma breve análise histórica da comunicação social até o desenvolvimento da mídia eletrônica, para compreender a influência das mídias na difusão de valores e ideias. Em seguida, no segundo capítulo, discorre sobre o impacto da Agenda-Setting na sociedade em rede, seguindo da utilização do Hard Power como resposta ao terror. Por último, no terceiro capítulo, é apresentado uma definição geral do que é terrorismo, seguido de um panorama histórico do Estado Islâmico e sua conquista no espaço virtual.

## **1. INTERNET E REDES SOCIAIS: A NOVA ÁGORA DO MUNDO CONTEMPORÂNEO.**

Este capítulo faz uma breve análise histórica da comunicação social da ágora, passando pelo surgimento do jornalismo impresso e o mundo nas ondas do rádio e da TV. Nele será demonstrado como se implementou o desenvolvimento da Internet e a mídia eletrônica até a influência das redes sociais na difusão de ideias e valores junto à população.

### **1.1 COMUNICAÇÃO SOCIAL E RETÓRICA NA GRÉCIA ANTIGA.**

A necessidade de ter uma organização social humana que concebe o desenvolvimento e a sobrevivência de uma sociedade, se dá através da formação de aldeias e cidades que gera o espaço de comunicação que sirva para a ação coletiva, sendo elas o espaço da cultura e história de cada sociedade. Na Grécia Antiga, esse espaço de comunicação era a Ágora, onde poderia ser encontrada a troca de mercadorias e ideias, arte, política, entretenimento e diversão.

A cidadania dos gregos era exercida por meio da comunicação nos espaços públicos, por ter uma cultura visivelmente marcada pela oralidade e vida comunitária, como é descrito por Finley (1989, p. 06) “O espaço público (grego) é um espaço de comunicação, de construção do discurso”. Dessa forma, compreendendo que o pensamento é a manifestação da fala, entende-se que a mídia utilizada pelos gregos era a sua própria fala e a habilidade da oratória, o que surge a importância da “arte da palavra”, a retórica.

Na contextualização histórica da retórica na Grécia Antiga, o professor Castro (2013, p. 21) afirma:

Retórica é a arte do discurso persuasivo, a arte de convencer alguém através da palavra. Ela surgiu em tempos imemoriais. Pode-se imaginar que, nos primórdios da humanidade, uma pessoa precisou convencer outra pessoa a respeito de um tema qualquer, numa determinada situação.

Segundo Castro (2013), existem duas formas de retórica, a racional e a irracional, onde a primeira o orador convence o público apresentando provas que mostrem a veracidade no que é dito, o autor afirma que o público analisa e raciocina sobre as evidências e esse ato é dado de racional; e a segunda, a retórica estaria baseada no encantamento, onde o público deve ser persuadido como em um encanto pelas palavras do orador. Castro (2013) afirma que não se preocupa com as evidências e, sim com o discurso sobre o público, que não se deixa raciocinar

através de provas, mas, se deixa levar pelo encantamento da oratória. Por esse motivo, o tipo de retórica é irracional.

A retórica, em princípio, era considerada uma ciência positiva baseada na observação. Conforme Marrou (1998, p.223) “A experiência demonstrou que alguns oradores conseguiam exercer a influência desejada, enquanto outros não, e a retórica surgiu como formulação sistemática dos métodos e das técnicas empregados pelos vitoriosos”. Assim como os meios de comunicação tem capacidade de manipular o público, os sofistas ensinavam a retórica aos jovens para poder falar bem e convencer as pessoas em assembleias utilizando do método irracional e da observação.

Na Grécia Antiga, com a criação do espaço de comunicação no espaço público, Finley (1998, p. 101) afirma que:

Era uma sociedade mediterrânea onde as pessoas se juntavam fora de casa, nos dias de mercado, nos inúmeros momentos festivos e, em qualquer altura, no porto e na praça da cidade. Os cidadãos pertenciam a vários grupos formais e informais... Todos esses grupos forneciam ensejo para se saberem novidades e para bisbilhotices, para discussões e debates, para a contínua educação política... Tal fenômeno não era exclusivamente urbano. Os camponeses atenienses não viviam em quintas isoladas, mais sim em lugares e aldeias, com as suas praças, centro de culto próprio e assembleias ocasionais, com a vida política peculiar constitucionalmente ligada à cidade-estado.

Sendo assim, de acordo com Glotz (1980) a ágora não se restringia apenas ao comércio, porque se misturavam aos comerciantes os curiosos e os desocupados e era o um lugar de encontro, onde a população ficava sabendo das novidades e era possível se discutir política e formar opiniões. Em resumo, a ágora funcionava como centro de comunicação social, onde era possível receber e transmitir informações se assemelhando as atividades e funções jornalísticas e empresas midiáticas no mundo atual. Ao frequentar a ágora, as pessoas, mesmo que não fossem cidadãos, conseguiam obter informações sobre política, fofocas, decisões e acontecimentos na sociedade. A transformação da mídia atual integra hábitos, experiências e práticas que são perceptíveis na Ágora, por ser um espaço de comunicação, que atualmente é utilizado o ciberespaço. Mas antes mesmo do advento da cibercultura, a imprensa passa a modificar relações sociais, como discutido na sequência.

## 1.2 SURGIMENTO DA IMPRENSA

Como aponta Francisco das Neves Alves (1998), a sociedade por estar constantemente em busca por informações, fez com que a evolução histórica da imprensa estivesse continuamente ligada a curiosidade, narração de fatos e acontecimentos, que foram essenciais para o início do sistema de recebimento e propagação de informação.

O ensino através da oralidade era fundamentado na leitura como meio de transmissão de informação e a disseminação dos meios de comunicação ocasionou na sociedade questionamentos sobre o acesso ao conhecimento e armazenamento. Mas esses questionamentos remetem a um passado em que o livro era considerado um “artigo de luxo”, onde o conhecimento era restrito e a busca por informação era um instrumento de poder e dominação. Com o surgimento de uma nova tecnologia de impressão, com capacidade de reproduzir em grandes quantidades e rapidamente os livros, fez com que mudasse a forma de como as pessoas dariam importância ao conhecimento.

A introdução da máquina impressora, permitiu grandes modificações na produção e disseminação do conhecimento, porque possibilitou o crescimento de publicação e venda de livros, aumentando o interesse comercial, consulta individual e transmitiu informações que antes eram limitadas a um pequeno número de leitores.

De acordo com Rüdiger (1998), existem duas correntes que tentam explicar o surgimento da imprensa: a marxista e a weberiana. A primeira, segundo o autor, associa o surgimento com a evolução do capitalismo comercial e a burguesia, levando em consideração de que a história da imprensa está relacionada com a história do desenvolvimento do capitalismo; e a segunda o autor argumenta que os jornais não são providos do capitalismo, já que a sua relação histórica é devido ao processo de construção do Estado Moderno.

Rüdiger (1998) afirma que a revolução comercial foi fundamental para a circulação de mercadorias e de informações, ocasionando o fato de que a informação se tornou mercadoria e assim surgiu os periódicos patrocinados pelo Estado. Sendo assim, Rüdiger (1998, p. 14) aponta que “A ascensão da sociedade burguesa na esteira da expansão do capitalismo comercial colocou novos problemas de governo para as autoridades, que rápido descobriram na imprensa nascente um meio de controlar a opinião e exercer o poder”.

A imprensa provocou na sociedade uma nova forma de olhar o mundo, fundado de novas capacidades de raciocínio e possibilidades, como apresenta Joana Lopes de Araújo (2010, p. 19) “A imprensa possibilitou a quebra do modo de reter o conhecimento limitado a poucos e tornou possível a informação ganhar novas fronteiras a alastrar-se por áreas ou regiões que não tinham acesso, mesmo sendo a alfabetização um privilégio de poucos.”. Além do raciocínio causado pela leitura, a oralidade transmitida pelo rádio, era fruto de grandes imaginações e revoluções tecnológicas, como veremos a seguir.

No tópico seguindo será apresentado o surgimento do rádio e as mudanças realizadas na sociedade, assim como o surgimento da TV.

### **1.3 O MUNDO NAS ONDAS DO RÁDIO E DA TV**

A constante busca pelo encurtamento das distancias globais, fez com que as tecnologias de comunicações, tivessem uma grande necessidade de encontrar rápidos meios de comunicação e transportes. Foi quando surgiu o rádio e a televisão, que atualmente traz informações e distrações a sociedade. O rádio sempre envolvente e aproximado do real, estimulava a imaginação dos ouvintes, estando presente nas diferentes situações do cotidiano, como um meio de lazer e troca de informações e a televisão trazendo a realidade em suas imagens que impactava a sociedade.

Com o uso da eletricidade nas transmissões de mensagens a distância, foi desenvolvido o telégrafo que conseguia transmitir mensagens em Código Morse<sup>1</sup>, porque não era possível transmitir a voz humana e isso só foi possível após a invenção do telefone, que mesmo assim, o som emitido não poderia ser gravado. Segundo Neuberger (2012, p. 51):

A invenção do rádio mundialmente é atribuída ao italiano Guglielmo Marconi. A partir das ondas hertzianas, ele teve a ideia de transmitir sinais a distância. Assim, após descobrir o princípio do funcionamento da antena inventada por Hertz, enviou mensagens de Dover (Inglaterra) a Viemeux (França), em Código Morse, no ano de 1896, quando obteve patente da radiotelegrafia.

Com o financiamento do governo inglês nessa nova tecnologia, Marconi conseguiu transmitir pela primeira vez uma mensagem de voz através do telegrafo sem fio e com isso foi criado a radiotelegrafia. Vigil (2003) aponta que “A wireless, a sem fio, como começou a ser

---

<sup>1</sup> “Este sistema representa letras, números e sinais de pontuação apenas com uma sequência de pontos, traços e espaços” (NEUBERGER, 2012, p. 50).

chamada a nova invenção, ligava terras e mares, atravessava montanhas, espalhava as mensagens através do éter, sem nenhum outro suporte que as próprias ondas eletromagnéticas”

A radiodifusão antes de ser utilizada como um veículo de comunicação, era utilizada como um sistema de transmissão de mensagens militares, do governo e até mesmo de grandes empresas. Vale ressaltar que durante a Primeira Guerra Mundial, o rádio foi utilizado para fins militares isso fez com que tivesse uma colaboração para que essa tecnologia tivesse grandes avanços.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, uma das grandes inovações que se destacou no meio da comunicação foi o gravador magnético, como é apresentado por Ortriwano (2002-2003, p. 76) que por meio dele,

Passou a ser possível fazer montagens sonoras editando cuidadosamente os trechos escolhidos, além de reproduzir imediatamente a gravação. “As reportagens tiveram com este sistema seu melhor aliado, contribuindo para que, pouco a pouco, fosse menor a quantidade de programas ao vivo, dando à programação um caráter distinto, com maior qualidade e pureza.

Na década de 1950, as transmissões das emissoras, até então, fazia uso da amplitude modulada (AM) e passaram a ser em frequência modulada (FM), isso permitiu que as transmissões em FM tivessem uma qualidade sonora superior a AM, mas não teria a mesma potência para atingir longas distâncias.

De acordo com Magnoni (2001, p. 86), após a década de 1950:

O rádio perdeu para a tevê a preferência dos anunciantes e dos artistas, embora tenha conseguido manter a audiência. (...) O que salvou o rádio do desaparecimento foi a invenção do transistor no final dos anos 1940 e a popularização a partir da década de 1970, das emissoras em Frequência Modulada (FM), um sistema de transmissão com melhor qualidade sonora desenvolvido em 1933 pelo norte americano Edwin Armstrong. O rádio em FM se popularizou com a multiplicação de emissoras musicais de alcance local e regional, voltadas para o público jovem urbano. (...) O transistor permitiu que os japoneses fabricassem a partir da década seguinte e com a licença dos EUA, bilhões de radinhos portáteis. (...) O rádio de pilha tornou-se o produto eletrônico mais barato e desejado que a indústria de bens de consumo conseguiu produzir durante o século XX.

A criação do transistor teve grande influência na construção do rádio que se conhece atualmente e possibilitou o desenvolvimento de outros dispositivos portáteis, como é descrito por Prata (2008, p. 26):

O transistor livrou o aparelho de fios e tomadas, proporcionando a criação de uma nova linguagem, apropriada para um veículo com alta mobilidade, que acompanha o ouvinte onde quer que ele esteja. Assim, a partir do transistor, o público pressuposto

do rádio passou a ser um ouvinte móvel, o que não acontecia anteriormente quando as famílias se reuniam na sala ao redor de um garboso aparelho.

A televisão já foi considerada “companheira de poucos”, porque o acesso a ela era exclusivamente para famílias ricas que tinham condições de comprar um objeto caríssimo. A empresa alemã, Telefunken, começou a fabricar, em 1934, os primeiros tubos de raios catódicos e fez a primeira demonstração do sistema de televisão analógica. Dois anos depois, as Olimpíadas de Berlim foram transmitidas pela televisão, ocasionando um grande marco na história desse meio de comunicação. A utilização dos aparelhos televisores aumentou com o fim da Segunda Guerra Mundial, por conta dos avanços tecnológicos, do barateamento desses aparelhos e com o aumento de canais transmissores. Durante o século XX, a televisão se tornou o principal meio de comunicação e transmissão de conteúdo da sociedade.

A primórdio, a televisão era tida como um meio educativo e de diversão para a sociedade, porque era um instrumento que poderia combater a ignorância, por acreditar que ela era capaz de aumentar o conhecimento do povo. A dinâmica da televisão pode ser considerada a mídia de massa, que é a propagação de produtos em larga escala que se remete a massa, em outras palavras, a televisão pode atingir toda a população do globo.

Por atingir a população global, a televisão, muitas vezes é julgada como manipuladora, porque as personagens de novelas e programas de TV por estarem usando uma roupa diferente, uma gíria ou um acessório, podem influenciar as pessoas a imita-los de todas as formas. Como é descrito por Lazar (1999, p. 93), “Foi empiricamente demonstrado, que quando uma apresentadora popular se cola diante das câmeras com um enfeite, um broche, por exemplo, esse enfeite vai alcançar uma excelente venda nos próximos dias.”. A TV por ser um dos meios de transmissão do conhecimento, muitas vezes, não se tem a noção das consequências no que é dito e transmitido.

A TV foi um fator fundamental na mudança física e psicológica nos seres humanos, visto que com a popularização dos aparelhos de televisão, ela proporcionou uma transformação no modo de agir, pensar e vestir e conseqüentemente houve uma quebra do convívio familiar, diminuindo a conversação e os assuntos de família que antes eram discutidos e atualmente não são mais. Um dos fatores que mudou drasticamente a vida da sociedade e os meios de comunicação foi o surgimento da Internet, como será discutido no tópico seguinte.

#### **1.4 DO UNIVERSO MILITAR AO COTIDIANO DA POPULAÇÃO GLOBAL: ARPANET VIRA INTERNET**

No fim da década de 1960, durante a Guerra Fria, o governo norte-americano teve a necessidade de criar um meio de comunicação em que a troca de informações tivessem uma estrutura superior à da rede telefônica e que fosse de maneira rápida e segura. Segundo Castells (2013) a Advanced Research Projects Agency (ARPA) foi financiada, em 1969, pelo governo norte americano para montar uma rede de transmissão de computadores, chamada ARPANET, que se comunicava entre o departamento de segurança dos Estados Unidos e os centros de estudos de universidades que desenvolviam pesquisas tecnológicas que fossem superiores as da União Soviética. Essa nova tecnologia se destacou por utilizar a Wide Area Network (WAN), que conseguia conectar computadores que estivessem em uma área geográfica mais extensa e esse novo modelo de WAN era mais eficiente do que o modelo que foi utilizado anteriormente, como a Local Area Network (LAN), que permitia que os computadores se conectassem apenas com os que estariam em um mesmo ambiente, devido a conexão geograficamente limitada.

Graças a ARPANET, além da informação poder ser compartilhada de longo alcance, a rede também permaneceria ativa mesmo se um computador fosse destruído ou desconectado. Nas universidades, os professores e pesquisadores tinham o livre acesso a NET, o que os tornavam “comunicadores”, como afirma Briggs e Burke (2006, p. 301):

Qualquer computador podia se ligar à Net de qualquer lugar, e a informação era trocada imediatamente, em "fatias" dentro de "pacotes". O sistema de envio quebrava a informação em peças codificadas, e o sistema receptor juntava-a novamente, depois de ter viajado até seu destino. Esse foi o primeiro sistema de dados empacotados da história.

Os cientistas começaram a utilizar a ARPANET como um meio para compartilhar estudos, ocasionando uma grande dificuldade no gerenciamento devido à grande quantidade de acessos. Sendo assim, a ARPANET foi cedida para o compartilhamento de estudos científicos e as unidades militares criaram a MILNET, de uso exclusivo para fins militares. Conforme Castells (1996, p.83):

Todas as redes usavam a ARPANET como espinha dorsal do sistema de comunicação. A rede das redes que se formou durante a década de 1980 chamava-se ARPA-INTERNET, depois passou a chamar-se INTERNET, ainda sustentada pelo Departamento de Defesa e operada pela National Science Foundation (...) A ARPANET encerrou as atividades em 28 de fevereiro de 1990. Em seguida, a NFSNET, operada pela National Science Foundation, assumiu o posto de espinha dorsal da internet. Contudo, as pressões comerciais, o crescimento de redes de empresas privadas e de redes cooperativas sem fins lucrativos levaram ao

encerramento dessa espinha dorsal operada pelo governo em abril de 1995, renunciando a privatização total da internet.

Em 1990, Tim Berners Lee cria a *World Wide Web* (WWW) e a Internet começa a ter as características da Internet nas formas atuais, possibilitando a população a criar sites visualmente interessantes e dinâmicos. Com o seu aperfeiçoamento, a web pode se manter como uma rede internacional aberta, permitindo que pessoas do mundo inteiro se conectem na web com objetivos educacionais e participar da elaboração e compartilhamento de conhecimentos. Castells (2003, p. 19) aborda

Assim em meados da década de 1990, a internet estava privatizada e dotada de uma arquitetura técnica aberta, que permitia a interconexão de todas as redes de computadores em qualquer lugar do mundo; a www poderia então funcionar como software adequado, e vários navegadores de uso fácil estavam à disposição do público. Embora a internet tivesse começado na mente dos cientistas da computação no início da década de 1960, uma rede de comunicações por computador reunindo cientistas e hackers tivessem brotado desde o final da década de 1970, para a maioria das pessoas, para os empresários e para a sociedade em geral, foi em 1995 que ela nasceu.

Castells (2003), em seu livro *A Galáxia da Internet*, afirma que a utilização da internet como sistema de formação e comunicação veio à tona nos últimos anos do milênio. O autor ainda constata que as atividades sociais, culturais, políticas e econômicas estão sendo organizadas pela internet.

Com o novo formato da Web, onde os usuários deixam de consumir apenas informações, a Web 2.0 faz com que os usuários também possam produzir e disseminar conteúdo. O conteúdo que antes tinha uma forma limitada de se apresentar, ganha uma nova forma com a chegada de fotos, áudios, vídeos e downloads na interface dos computadores que nunca foram vistos. Para Bressan (2007, p. 02) “Em linhas gerais, Web 2.0 diria respeito a uma segunda geração de serviços e aplicativos da rede e a recursos, tecnologias e conceitos que permitem um maior grau de interatividade e colaboração na utilização da Internet.”.

O termo Web 2.0 surgiu em 2004, durante uma conferência de ideias, entre as agências de mídia a O’ Reilly Media e a MediaLive International, o objetivo principal dessas agências era de acordo com Bressan (2007, p. 02) “analisar as recentes características da rede, reconhecer tendências, e prever as possíveis inovações que iriam prevalecer no mundo virtual nos próximos anos”. Que segundo a O’ Reilly Media (2004), essa inovação seria o desenvolvimento de aplicativos, aproveitando a consequência do efeito em rede para se tornarem melhores e mais populares entre os internautas.

Os usuários da Web 2.0 eram estimulados a mostrarem cada vez mais os seus gostos e os seus interesses pessoais nas plataformas virtuais, o que tornava o universo da internet fascinante, por compreender cada vez mais o comportamento do internauta e por ter uma forma mais interativa entre os usuários. Carneiro (2011, p. 17) considera que “redes sociais são sites que permitem a criação de um perfil pessoal, público ou semi-público, que serve de identidade para o usuário da rede e na qual ele pode se expressar e interagir com seus pares”. As redes sociais tomaram conta da rotina das pessoas, principalmente dos jovens que utilizavam diários digitais e outras plataformas como o Orkut, Twitter e MSN. Com essas plataformas, foi possível demonstrar a grandeza e praticidade da Web 2.0, e pode-se considerar que esse foi o seu ápice.

Percebe-se que com essas inovações tecnológicas, as perspectivas da comunicação mudaram. A informação, que anteriormente era produzida exclusivamente pelos meios de comunicação tradicional, como rádio, TV e jornal impresso, passavam por um processo de produção, onde todas as informações seriam passadas pelos editores e, assim, alterados do sentido final da informação que chegaria ao receptor de conteúdo. De outra forma, a internet por ser mais interativa, consegue proporcionar diferentes formas de edições de uma mesma informação e o conteúdo também pode ser formulado por pessoas que não são da imprensa.

As redes sociais se transformaram na nova mídia, na qual a “informação circula, é filtrada e repassada; conectada à conversação, onde é debatida, discutida e, assim, gera a possibilidade de novas formas de organização social baseadas em interesses das coletividades.” (RECUERO, 2011, p.15). Segundo a autora, os sites tiveram um grande desempenho devido a novas formas de tecnologias, como os smartphones e tablets, que desde então facilita a mobilidade de acesso à informação.

Seguindo o pensamento de que a as novas formas de tecnologia seria um benefício para a sociedade, no segundo capítulo será discutido a Teoria da Agenda-Setting, mostrando os impactos causados na sociedade em rede, devido as essas novas tecnologias.

## **2. O HARD POWER COMO RESPOSTA AO TERROR E IMPACTOS DA AGENDA-SETTING**

Este capítulo faz um breve levantamento histórico sobre a teoria da Agenda-Setting e mostra os impactos causados na sociedade em rede e como o Hard Power é utilizado em âmbito internacional, tanto para defesa do Estado como para o ataque e menciona como o Hard Power seria uma resposta ao terrorismo.

### **2.1 AGENDA-SETTING: CONCEITOS E RELAÇÃO COM A SOCIEDADE**

No mundo globalizado, a sociedade atual é rodeada pelos diversos meios de comunicação e por conta disso, se tem uma necessidade de estudar a comunicação social e conhecer os processos de informação. Muitos estudos sobre os efeitos dos meios de comunicação foram realizados há décadas, incluindo os estudos sobre a influência do *mass media* na opinião pública e na construção da realidade. Com os estudos dos efeitos cognitivos da comunicação de massa, a teoria da Agenda Setting considera que os meios de comunicação influenciam na agenda pública interferindo na pauta de conversas inseridas na sociedade. A teoria foi publicada por dois professores norte-americanos, Maxwell McCombs e Donald L. Shaw, em 1972, apesar de a ideia central do agendamento ter sido discutida por outros autores, foram eles que organizaram e aprofundaram o conceito da Agenda Setting e hoje a teoria se tornou uma das principais teorias da comunicação já estudada.

A base da teoria da Agenda Setting se deu a partir do estudo da comunicação política, onde se tinha o interesse em analisar os efeitos de comunicação de massa que não resultassem em um processo de convencimento, mas sim, da existência de informações e conhecimentos a respeito do meio político na opinião pública. Lippmann afirma que a percepção da realidade se dá através das imagens que é formada pela mente e isso não ocorre de maneira direta. Lippmann (1922, p. 7), “O único sentimento que alguém pode ter sobre um evento que não vivencia é o sentimento aflorado por sua imagem mental daquele evento”. Para ele, a análise da opinião pública deve identificar a relação triangular entre a cena da ação, a imagem da cena e a resposta para a imagem. Lippmann (1922, p. 16):

Nós devemos assumir que o que cada homem faz é baseado não no conhecimento direto e certo, mas nas imagens produzidas por ele ou dadas a ele. Se o seu mapa afirma que o mundo é quadrado, ele não velejará perto do que acredita ser o fim do nosso planeta, por medo de despencar. Nós devemos considerar primeiramente os fatores-chaves que limitam o acesso das pessoas aos fatos. As imagens que formamos em nossa mente são os censores artificiais, as limitações do contrato social,

comparativamente o curto prazo disponível a cada dia para prestar atenção aos temas públicos, a distorção criada porque eventos têm que ser comprimidos em mensagens muito curtas, a dificuldade de fazer um pequeno vocabulário expressar um mundo complicado e, finalmente, o medo de lidar com estes fatos que poderiam ameaçar a rotina estabelecida na vida dos homens.

Conforme Traquina (2003) os estudos de MacCombs e Shaw, em 1972, aborda três elementos que constituem o método de agendamento: agenda-setting (agenda midiática) – que são os estudos do conteúdo das mídias; public agenda-setting (agenda pública) - estudos que explicavam a importância de vários acontecimentos e assuntos pertencentes aos membros públicos; policy agenda-setting (agenda das políticas governamentais) - que são os estudos das entidades governamentais.

Como é destacado por Mala e Agnez (2010) o estudo do agenda-setting contém quatro fases. A primeira é focada nas relações entre a agenda da mídia e a agenda do público; a segunda procura compreender as circunstâncias que estimulavam ou limitavam a construção da agenda do público; determinando conceitos como a hierarquia entre os temas e as características do suporte midiático; a terceira é dirigida a pesquisas que se refere a campanhas eleitorais, analisando a agenda dos candidatos e a percepção do público; a quarta fase se inicia nos anos de 1980, na qual os estudos passam a ser voltados para as agendas midiáticas.

De acordo com Camargo (2014) é na quarta fase que os estudos das consequências causadas pela comunicação passaram a ser analisadas a longo prazo, já que os estudos não eram mais exercidos em campanhas políticas e sim, na cobertura global de todo o sistema de mídia e os dados passam a ser desenvolvidos através de metodologias complexas. A autora ainda destaca que os estudos realizados a longo prazo mudaram o tipo de efeito que eram analisados, passando a ser cumulativos e não mais pontuais e, também, passa a ser cognitivo a respeito dos sistemas de conhecimento que o indivíduo assume por conta do consumo de comunicações de massa.

Sendo assim, Shaw (1979, p. 96 apud Wolf, 1995, p. 130) define agenda-setting:

Em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir e excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os mass media incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos mass media aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas.

McCombs (2004) afirma que a mídia tem a capacidade de gerar os efeitos de agendamento em vários níveis, mas a proporção desses efeitos é moderada por uma multiplicidade de diferenças individuais, na qual a necessidade de orientação é mais relevante. A Agenda-Setting atrai a atenção de alguns autores na questão da influência midiática na compreensão dos indivíduos sobre os temas mais relevantes. Sendo assim, é notável que existe inúmeros fatores sociológicos e psicológicos que são importantes na relação do público com os meios de comunicação de massa.

Ainda segundo McCombs (2004) o conceito de necessidade de orientação corresponde aos esforços para alcançar o significado e fornece uma explicação psicológica para mover a proeminência da agenda da mídia para a agenda pública, fazendo com que a necessidade de orientação seja definida pelo conceito da relevância e da incerteza.

A relevância, de acordo com McCombs (2004) está relacionada à própria necessidade de orientação e quando a relevância de um assunto é baixa ou inexistente, a necessidade de orientação também será, ou seja, só se tem a necessidade de orientação quando se percebe que algum tema é individualmente relevante. Já na questão da incerteza, o autor afirma que quando o indivíduo acredita que a relevância de um tema é alta, é válido verificar o seu grau de incerteza. No entanto, quando o nível de incerteza é baixo os indivíduos contêm toda a informação necessária sobre o tema.

O autor explica que em casos de assuntos públicos, no qual a opinião pública é constante por um longo período de tempo a condição de - alta relevância e baixa incerteza - a necessidade de orientação é moderada. No entanto, quando a relevância e a incerteza são altas, a necessidade de orientação também é alta e quando a necessidade de orientação das pessoas também é maior, a probabilidade de consideração para a agenda midiática, também, é maior.

McCombs (2004) também mostra estudos que averiguam a diferenciação dos efeitos do agendamento em assuntos intrusivos, que são aqueles que estão inseridos no cotidiano dos indivíduos, como é dado o exemplo do valor dos alimentos, que não precisa ser noticiado na mídia para as pessoas saberem que o preço do alimento subiu; nos temas não intrusivo, são os assuntos que o indivíduo só terá conhecimento através das notícias. Em suma, os temas não intrusivos não se relacionam diretamente com o cotidiano das pessoas.

A vivência pessoal dos assuntos públicos tem tamanha importância para a compreensão do efeito do agendamento, porque os meios de comunicação não são os únicos meios de difusão de informação, já que existe as relações interpessoais e os diálogos entre diversos grupos sociais. Portanto, a origem da informação pode mudar de conteúdo para conteúdo, podendo causar, em sua natureza, uma experiência pessoal.

## **2.2 PRINCÍPIOS DO HARD POWER E A EVOLUÇÃO HISTÓRICA**

De acordo com Santos (2015) quando é notada uma ameaça, o modo como é planejada e conduzida a ação estratégica dos Estados é influenciado de modo a usufruir melhor seus instrumentos de poder. Os Estados de maior potência buscam a estes instrumentos de poder de maneira racional, analisando as capacidades, estudando o ambiente estratégico e usando de tal maneira para atingir os seus objetivos.

Após o atentado de 11 de setembro de 2001, Joseph Nye escreveu o livro “O Paradoxo do Poder Americano” em 2002 para compreender como os Estados Unidos, maior potência militar do mundo, se viu tão frágil e exposto após o ataque terrorista em seu território. Nye aborda como os Estados Unidos se manteve firme e superior à frente das ameaças a sua hegemonia e, ao mesmo tempo, atuar de forma que os outros Estados não fossem excluídos por completo.

Nye (2002) destaca que o Hard Power pode ser definido como algo direto e perceptível e que pode ser dividido em duas vertentes. A primeira engloba o campo militar, incluindo as articulações bélicas de um ator, mas a vertente militar no Hard Power não é apenas o fato de um conflito armado e inclui a coerção, indução e dissuasão que também podem ser interpretadas como Hard Power militar. O estudioso ressalta que a implementação do Hard Power militar nem sempre é agressiva, ela pode ser exercida como uma forma de defesa, para evitar ataques e para formar alianças ou outros meios de diplomacias belicamente estratégicas.

Nye (2004) salienta ainda que os desfiles militares realizados em diversos países do globo, é uma forma de mostrar esse poder e que esses costumes eram utilizados frequentemente em regimes Comunistas, durante a Guerra Fria, para poder intimidar Estados inimigos, dissuadir revoluções internas e induzir aliados do regime.

Segundo Nye (2002), um Estado que está em posição de subjugar outro Estado, tem a competência associada a ameaça, o medo, a dissuadir, persuadir ou induzir, com o intuito de

que o Estado subjugado siga as ordens do subjugador. Um exemplo citado por Hobsbawm (2002) é o Acordo de Munique de 1938, que foi aplicado o Hard Power militar, mas sem a necessidade de um conflito, sabido que o acordo cedia para a Alemanha Nazista parte do território da Tchecoslováquia, sem o seu consentimento e isso só ocorreu devido ao medo de que ocorresse uma nova guerra mundial.

A outra vertente do Hard Power é a econômica. Nye (2002) afirma que a vertente econômica é voltada ao potencial econômico de um ator e da habilidade de articulação de temas voltados a economia, como suspensão de subsídios, parcerias e investimentos. Um exemplo histórico da vertente econômica do Hard Power, citada por Hobsbawm (2002), ocorreu após a Primeira Guerra Mundial, onde as maiores potências da Europa estavam destruídas e os Estados Unidos passa a ser o credor para que as economias se reerguessem e reconstruíssem os seus Estados.

Nye (2002) faz uma comparação de um jogo de xadrez tridimensional para o entendimento da dinâmica da hegemonia mundial, na qual a parte superior do tabuleiro é relacionada a questões bélicas do Estado, tudo o que envolve as questões militares, seja elas diretamente ou indiretamente. Do mesmo modo que o Hard Power não é limitado a ação de guerra, a camada superior também não. Intervenções militares e conflitos armados são classificados como últimos recursos dentro da área bélica, até que seja imprescindível a utilização efetiva da força, outros meios serão utilizados. No centro do tabuleiro está localizado o poder econômico e na parte inferior do tabuleiro estão as relações transnacionais.

Como já foi dito no Hard Power, as questões relacionadas a persuasão, dissuasão e indução estão associadas ao medo e a recompensa, possuindo como meio da ação qualquer área do poder militar do Estado, é característica de um comportamento dentro da camada superior do tabuleiro. No que diz respeito a produção de equipamentos, armamento e tecnologia bélicas estão associadas a essa camada e o comportamento dos Estados na camada superior é comparativa e correspondente aos outros atores.

Ainda no entendimento de Nye (2002) o aspecto do atual Sistema Internacional que possui poderio bélico suficiente para se tornar um jogador da camada superior é o Estado que tiver maior potencial militar de subjugar os demais Estados. O armamento que é mais apropriado para atuar nessa camada é quem tiver maior posse de armas nucleares.

Nye (2012) afirma que os recursos relacionados ao Hard Power englobam a força e o dinheiro como uma capacidade de atuação de maneira coercitiva sobre um Estado, fazendo com que o ator altere a sua ação. Em outras palavras, o Hard Power tem a capacidade de influenciar ou exercer poder sobre o outro através de meios militares ou econômicos, o que poderia ser um meio de resposta ao combate ao terror, como será abordado no tópico seguinte.

### **2.3 O HARD POWER COMO COMBATE AO TERROR**

Rineheart (2010) ressalta que um dos modelos de combate ao terrorismo é através do modelo de guerra, em que os esforços são concentrados nas respostas militares, posicionando a força armada a função da operação. Como é destacado por Crelinsten (2014) após o 11 de setembro de 2001, o modelo de combate ao terrorismo que se tornou mais evidente foi o modelo de guerra, devido ao terrorismo ser tratado como um ato de guerra, por vez, quando as guerras entre Estados são instaladas, os grupos terroristas tendem a elevar seus status. Ainda segundo o autor, o uso máximo da força para o domínio do inimigo, tem o dever de cumprir com as leis de guerra, mas nem sempre é cumprido.

Crelinsten (2014) afirma que as desvantagens do uso do modelo de guerra é que, em geral, é tomado muito tempo para que seja concluído, já que o sucesso depende exclusivamente da derrota do inimigo, ocasionando um aumento dos esforços de guerra. Deste modo, não são todos os Estados que têm recursos para se manter e manter as guerras por muito tempo. Como é destacado por Erbay (2012) o uso excessivo da força pode causar sentimento de vingança entre os terroristas, logo, os riscos de retaliação e o uso da violência proporcional são altos. A utilização de respostas militares faz com que o alvo sinta a necessidade de gerar melhorias nas suas táticas e aumentar a coesão, ocasionando no fortalecimento do grupo. Além do mais, o uso excessivo da força também pode levar a mais radicalização de indivíduos. Segundo Steinberg e Estrin (2014) o uso do modelo de guerra também produz “falsos positivos”, que é matar pessoas inocentes, já que não tem como distinguir precisamente os civis dos combatentes.

Como expressado por Erbay (2012, p.12, tradução do autor):

Embora o uso da força contra terroristas possa ser eficaz na destruição de suas capacidades coercivas no curto prazo, há também uma alta probabilidade de criar ciclos de violência e contra-violência, vingança e contra-vingança ou criar mais

alavancagem política Para terroristas, criando simpatia pública, que por sua vez fornece um novo campo de recrutamento para organizações terroristas.<sup>2</sup>

De acordo com Steinberg e Estrin (2014) apesar de o modelo de guerra também ser usado como forma de prevenção, por meio de tentativas de incapacitar e dissuadir, esse método também pode apresentar riscos, principalmente de retaliação, por essa razão, na grande maioria dos casos esse método não é eficiente na prevenção do terrorismo quando trabalhado sozinho. Conforme as Nações Unidas no Brasil (2017), após o 11 de setembro, o mundo passou a prestar mais atenção para as questões do terrorismo e foram tomadas diversas medidas no Sistema Internacional.

A ONU (2001) constata que algumas das medidas aplicadas abrange a proibição do financiamento ao terrorismo, assim como a provisão de fundos por parte do Estado, como também dos cidadãos; comprometimento dos Estados em evitar ataques; negação de asilo a terroristas e colaboradores e maior fiscalização de fronteiras e de documentos.

Além do mais, Simon (2013) destaca medidas que foram tomadas ao decorrer dos anos e adotadas, principalmente, por países como os EUA e, são elas: evolução de tecnologia, como os raios-X nos aeroportos e o aprimoramento da biometria; o desenvolvimento de estratégias para a interceptação de bombas; instalação de monitores de ar para detectar armas biológicas; instalação de câmeras em locais públicos e o monitoramento de atividades realizadas pela internet.

Mas, como afirma Spaaij (2012), mesmo com o aperfeiçoamento das técnicas de segurança e dos serviços de inteligências, essas medidas não são suficientes, porque, a atividade de alguns órgãos é limitada e não são eficientes para identificar todas as ocorrências de radicalização. Além do mais, o aumento do monitoramento da população, por meio dos serviços de inteligência, recebe muitas críticas dos defensores da liberdade civil, fazendo com que a resposta ao terrorismo utilizando os serviços de inteligência e o empenho de segurança seja significativo e que deve ser utilizada de forma complementar.

---

<sup>2</sup> [...] although use of force against terrorists can be effective in destroying their coercive capabilities in the short term, there is also a high probability of creating cycles of violence and counter-violence, revenge and counter-revenge or creating more political leverage for terrorists by creating public sympathy, which in turn provides a new recruitment ground for terrorist organizations (ERBAY, 2012, p. 12).

### **3. ESTADO ISLÂMICO: O “TERROR” INVADE A SOCIEDADE EM REDE**

Este capítulo apresenta a definição de terrorismo a partir dos principais casos históricos que deram origem a definição, em seguida é feito um breve panorama histórico sobre o Estado Islâmico e seus objetivos e como eles conquistaram o espaço virtual.

#### **3.1 O TERRORISMO E A BUSCA POR VISIBILIDADE MIDIÁTICA: PRINCIPAIS EPISÓDIOS.**

O terrorismo não é um fenômeno contemporâneo, ele ocorre há mais de milênios, como por exemplo no ano três a.C. quando um grupo de judeus assassinou casualmente pessoas que estavam de passagem em Jerusalém com a intenção de provocar uma revolta da população contra a ocupação romana. Mas, apenas com a Revolução Francesa é que o termo terrorismo surgiu como o que conhecemos hoje, como explicado por Sorel (2003) que devido ao Reino do Terror de Robespierre, o termo serviu para intitular a violência realizada em nome da manutenção da França, por intermédio de práticas agressivas que autorizariam a não ingerências, tanto externas como internas.

Sorel (2003) também dá outro exemplo pelo qual se passou a denominar terrorismo, que é o conjunto de atentados que são realizados na Rússia, que desejavam a degradação do Regime Czarista. Sendo assim, ainda conforme o autor, o termo terrorismo se diferenciava da francesa de ser apenas uma revolução e assume o caminho de bivalência, que são utilizados por indivíduos que buscam atingir a ordem vigente, passando de revolucionários a terroristas, a resposta do fraco ao forte.

Após o atentado que matou o Rei Alexandre I e o estadista francês Jean Louis Barthou, em 1934, acarretou novas discussões a respeito do terrorismo internacional, sendo perceptível os esforços da Comunidade Internacional para determinar uma extensão dos debates referentes ao terrorismo. Com isso, foi elaborado uma convenção para a criação de uma Corte Internacional Penal, para punir os crimes que se encaixassem no conceito de terrorismo.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, com a polarização do mundo, a melhoria da tecnologia e com surgimento de outros artefatos bélicos, a Comunidade Internacional se viu na função de intermediar através da cooperação os acontecimentos de atentados terroristas, criando tratados para minimizar a ação de indivíduos que fazem uso de práticas terroristas, como por exemplo a Convenção para a Repressão ao Apoderamento Ilícito de Aeronaves, vigente desde

1971; o Protocolo para a Repressão de Atos Ilícitos contra a Segurança das Plataformas Fixas Situadas na Plataforma Continental, em vigor desde 1992; e a mais recente, Convenção Internacional para a Supressão de Atos de Terrorismo Nuclear, em vigor desde 2007.

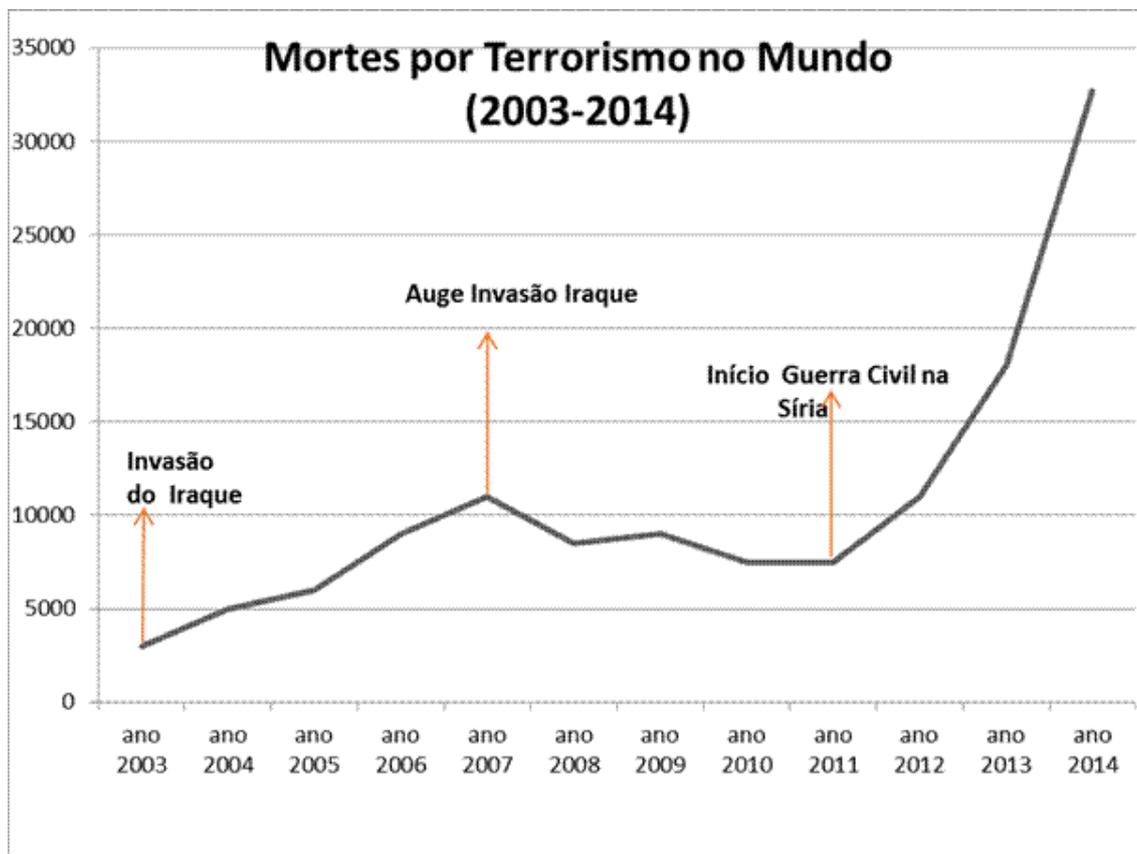
Rudzit (2005) aponta que o meio de ação dos grupos terroristas passou por uma grande modificação, já que em 1999 o ex-Secretário de Defesa dos EUA alegava que os atentados estavam em uma nova escala, classificando-o como “terrorismo catastrófico”. Ainda conforme o autor, essa definição é de fato que os grupos terroristas procuravam um resultado diferente da tomada de reféns, como o sequestro de aviões e desde a Olimpíada de Munique, em 1972, pode ser chamado de “terrorismo comum”.

Ainda de acordo com Rudzit (2005) o que mais atraiu atenção nos atentados de 11 de setembro de 2001, foi o modo como os terroristas estavam dispostos a perder a própria vida, a fim de cumprir com seu ataque. O autor conta que esse não foi o primeiro atentado com essa característica, já que grupos palestinos praticavam diversos atentados do gênero em Israel, para forçar o governo israelense a deixar a Faixa de Gaza e Cisjordânia. A Al Qaeda já havia utilizado essa forma de atentado para obrigar os Estados Unidos a saírem da Arábia Saudita.

Rudzit (2005) destaca que a taxa de ataques aumentou de 31, na década de 1980, para 104 na década de 90 e nos anos 2000-2001 houve um aumento de 53 ataques, mas o autor aponta que o número de mortes nos atentados cresceram consideravelmente, saindo de 344, em 1991, para 6.693 em 1998, com isso, o autor afirma que o terrorismo passou a existir em escala mundial, adotando uma nova característica que é a de “suicida catastrófico”.

O gráfico a seguir mostra a curva de crescimento de vítimas do terrorismo ao redor do mundo. Pode-se perceber que no ano de 2003, com a invasão do Iraque, o número de mortes não atingiu o pico de cinco mil pessoas, mas no auge da invasão do Iraque o número de vítimas fatais aumentou consideravelmente, com a curva atingindo um pouco mais de dez mil mortos no ano de 2007. Já no início da Guerra Civil na Síria, em 2011, houve uma queda no número de mortes, com a curva chegando entre cinco mil e dez mil mortes, após isso o número de mortes cresceu disparadamente entre os anos de 2012 e 2013 e em 2014 ocorre o maior pico no número de mortes, chegando a quase trinta e cinco mil mortes.

Gráfico 1 – Mortes por Terrorismo no Mundo (2003-2014)



Fonte: Alai (2015)<sup>3</sup>

Seguindo a linha de pensamento do autor, o aumento dos atentados e mortes em todo o globo tornou-se um dos objetivos de debate em segurança internacional, sendo um dos motivos é que o governo norte americano passou a concentrar a sua política externa e de defesa no combate ao terrorismo internacional.

A busca por visibilidade midiática do terrorismo é notada pelos atentados de autoria do Estado Islâmico, como é o exemplo do atentado no Kuwait em 2015, Bruxelas em 2016, a derrubada do voo Metrojet 9268, em Istambul, em janeiro de 2016, do mesmo modo os atentados de Paris em 2015 que teve grande repercussão na mídia e grande comoção nas redes sociais. Sendo assim, o próximo tópico busca apresentar um panorama histórico sobre o Estado Islâmico.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.alainet.org/pt/articulo/173782> , Acesso em: 21/11/2019

### 3.2 ESTADO ISLÂMICO: UM PANORAMA HISTÓRICO

Existe um constante conflito nos países muçulmanos, porque segundo Maududi (1990, p. 59) “em todos os países muçulmanos o povo não está disposto a acompanhar os governantes na direção que estes pretendem levá-los e os governantes não estão preparados para guiar o povo na direção que este deseja seguir”. Pode-se perceber em muitos desses Estados um progresso demorado ou inexistente.

O Estado Islâmico do Iraque e da Síria (EIS), conhecido como ISIS (Islamic State of Iraq and Syria), ou até mesmo Daesh, refere-se a um grupo terrorista, jihadista e islamita que surgiu como uma ramificação da al-Qaeda no Iraque em 2003, ficando independente do mesmo em 29 de junho de 2014 e passando a ser chamado de Estado Islâmico. O EI declarou o califado sob poder de Abu Bakr al-Baghdadi, a comunidade internacional não reconhece o califado por nenhuma das partes e é tida oficialmente como uma organização terrorista estrangeira, de acordo com a Resolução 2253(2015) do Conselho de Segurança da ONU, por países como Estados Unidos, Reino Unido, França, Rússia, Alemanha, Brasil<sup>4</sup>, Arábia Saudita, além de ser classificado também pela Organização das Nações Unidas (ONU)<sup>5</sup>.

Conforme Weiss e Hassan (2015, p. 14-15) o Estado Islâmico é:

Uma organização terrorista, mas não é somente uma organização terrorista. Ele também é uma máfia adepta em explorar mercados obscuros transnacionais que existem há décadas para o tráfico de petróleo e armas. É uma organização militar que mobiliza e distribui soldados de infantaria com uma precisão profissional que impressionou membros do exército norte-americano. É um aparato sofisticado de coleta de inteligência que se infiltra em organizações rivais e recruta silenciosamente membros ativos antes de assumir o controle total dessa organização, derrotando-os no campo de batalha ou tomando suas terras. É uma máquina de propaganda eficiente e hábil na disseminação de sua mensagem e na chamada de novos recrutas através das mídias sociais. O EI também é um remanescente espectral de um inimigo mais antigo ainda que a al-Qaeda. A maioria dos seus principais comandantes serviu no exército ou nos serviços de Saddam Hussein. De certa maneira, então o Baathismo secular retornou ao Iraque sob o disfarce e do fundamentalismo islâmico – uma contradição menor do que poderia parecer.

As atividades do EI têm maior concentração no Iraque e na Síria, tomando o poder nas regiões do Norte e Oeste de ambos os países, e as áreas comandadas pelos curdos (norte da Síria), pretendendo atingir territórios de maioria islâmica, como a Palestina, Líbano, Jordânia, Chipre, Hatay (Sul da Turquia) e o atual território pertencente a Israel, até mesmo alguns países europeus como Portugal, Espanha e Andorra.

---

<sup>4</sup> BRASIL. Decreto n. 8.799, de 6 de julho de 2016

<sup>5</sup> CONSELHO DE SEGURANÇA DA ONU. Resolução 2253, de 17 de dezembro de 2015

Mapa 1 – Áreas de maior concentração de atividade do Estado Islâmico.



Fonte: Saber Atual. <sup>6</sup>

Observando o mapa, pode-se perceber que a região em amarelo, Síria e Iraque, é onde o Estado Islâmico pretende conquistar o território para firmar seu Califado. A região em laranja é a região controlada pelo Estado Islâmico no Iraque e no Levante, tendo uma alta concentração de conflitos no Tikrit e Deir at-Zour. A região destacada em Cinza é a região semiautônoma do Curdistão iraquiano.

Após o EI dominar territórios, é iniciada a busca por mais apoiadores ao EI, os habitantes que não são sunitas são convencidos ou forçados a se converterem ao Islã, através

<sup>6</sup> Mapa 1. Disponível em: <http://saberatual.net/?post=308>

da fé extrema e da interpretação literal e explícita do Alcorão, onde são citadas apenas os trechos que os convidam para a luta, sendo esquecidos e censurados os trechos que se prega o entendimento e a paz. São perseguidos aqueles que se negam a conversão, permanecendo sob seu poder, e isso se tornou visível com a guerra civil síria e a migração em massa para a Europa.

Em princípio, o objetivo do EI era de constituir um califado, uma forma de Estado liderado por autoridades religiosas, interpretando a Sharia e comandado por um sucessor de Maomé, que é tido como um califa de poder supremo, nas regiões de maioria sunita no Iraque e expandir para a Síria durante o desenvolvimento de sua guerra civil, recebendo um suporte de várias organizações terroristas, como a al-Qaeda, o Conselho de Shura, Jund al-Sahaba e outros. Supõe-se que sua origem tenha ocorrido nas prisões iraquianas no decorrer das ocupações dos Estados Unidos, gerando a ideia de Irmandade Islâmica, um grupo que buscava reestabelecer a “pureza” do islamismo ao se livrar de influência ocidental no Oriente Médio.

A jihad é um dever religioso dos muçulmanos de defender o Islã por meio de luta e conquistar a “fé perfeita”. O termo significa força, empenho e luta. Como é dito nas palavras de Jalal (2009, p. 23) a jihad:

Representa a oposição política entre o mundo islâmico e o Ocidente, a diferenciação cada vez mais marcada entre muçulmanos e não muçulmanos. O próprio Corão define a jihad em termos muito mais amplos do que o uso político feito dela para atender às necessidades do expansionismo árabe. Por sua vez, a proeminência dada aos textos legais e teológicos nos estudos modernos fez a jihad ser inquestionavelmente associada à guerra ideológica contra os inimigos do Islã. Despida de suas dimensões internas e reduzida à perpétua guerra santa contra os não muçulmanos, a jihad torna-se receita para o desequilíbrio e inversão de um conceito-chave do islamismo.

Al-Zarqawi treinava e recrutava palestinos e jordanianos para serem Soldados do Levante (Jund-al-Sham), na entrada do campo havia uma bandeira que carregava o slogan que, mais tarde, se tornaria a bandeira da sua célula terrorista no Iraque “Tawid wal-Jihad” (Monoteísmo e Jihad). Após os ataques do 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos e do começo da invasão do Afeganistão, os Soldados do Levante se uniram com outras células terroristas para formar o Ansar-al-Islam e tinha como alvo o regime Baathista em Bagdá e a União Patriótica do Curdistão (UPC). Al-Zarqawi se fixou na ideia de matar ou torturar a maioria xiita no Iraque, tornando o início do terror de Al-Zarqawi. O Estado Islâmico seguindo as estratégias de Al-Zarqawi na Síria e no Iraque em 2014, saqueou o campo de Speicher e matou mil e setecentos soldados xiitas, resultando na junção de ultraviolência e a mídia de massa. E é por isso que segundo Weiss e Hassan (2015) os líderes do EI tem uma preferência por decapitações e a atenção que elas conquistam no Ocidente. Como afirma Fernandes (2016), essa prática é normalmente usada pelo EI, como por exemplo o vídeo que foi divulgado mostrando a decapitação do jornalista britânico James Foley, desaparecido na Síria desde 2012.

Coincidentemente a evolução do Estado Islâmico se deu com o crescimento de ataques de carros-bomba, na Síria, e conseqüentemente aumentando a carnificina. Os carros-bomba são armas que são usados para causar transtornos psicológicos ao inimigo. De acordo com Stute (2016), apesar de o EI ter sido punido, o grupo teve um ressurgimento quando conquistou uma ampla faixa de território na Síria e o regime de Bashar al-Assad tentou se aproveitar e explorar o território, reivindicando as suas condições de vítima sob o terrorismo internacional.

Conforme Stute (2016), o EI chegou na Síria em 2011, quando um sírio de Damasco, al-Johani, que combatia junto com o Estado Islâmico, passou seis meses construindo uma rede jihadista clandestina na Síria e o EI pode se aproveitar do espaço vazio de poder na Síria para se ampliar e ser rebatizado como Estado Islamico do Iraque e do Levante.

Ao abordar sobre a organização terrorista, se tratando da economia, pode-se perceber que a principal matéria prima iraquiana é o petróleo, fazendo com que o Iraque seja o segundo maior produtor de óleo, perdendo a posição apenas pela Arábia Saudita. Segundo a BBC (2014)<sup>7</sup> é de conhecimento do senso comum que o EI se beneficia das reservas de petróleo para se autogerirem e o lucro gerado pela fonte energética é revertido para financiar a manutenção de custos com seus seguidores e na construção de um califado. Após as suas conquistas militares, o EI tomou posse de usinas, indústrias e as mantém ativa para atender aos seus objetivos.

A seguir será discutido o modo como o Estado Islâmico consegue atrair a visibilidade midiática para concretizar os seus fins.

### **3.3 O ESTADO ISLÂMICO E O TERROR A UM “CLICK”**

De acordo com Farwell (2014), o Estado Islâmico não foi o primeiro grupo extremista a utilizar as redes sociais para disseminar suas mensagens ou comandar suas operações, mas segundo Ristori (2016) é o primeiro grupo a utilizar as redes sociais para os procedimentos de recrutamento que repercute em uma sociedade que está frequentemente conectada.

As mensagens relacionada ao Estado Islâmico, transmitidas nas redes sociais, conforme Nissen (2014), pode ser traçadas algumas metas de comunicação do grupo, que é definir a agenda internacional de políticas internacionais, para obter mais visibilidade às suas mensagens

---

<sup>7</sup> BBC: De onde vem o dinheiro que financia o Estado Islâmico? 2014. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140825\\_financiamento\\_estado\\_islamico\\_lgb](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140825_financiamento_estado_islamico_lgb)>, acesso em 11/11/2019.

e atrair a atenção da mídia global; contestar ou revidar a propaganda ocidental, dos regimes políticos anti EI na região e das rivais facções xiitas; dominar a narrativa do Oriente Médio; se destacar sob as facções jihadistas e conseqüentemente se por como a mais poderosa para serem notados; se relacionar com apoiadores nas redes sociais para recrutar novos membros e adeptos ao Califado; intimidar seus adversários, como soldados sírios e iraquianos e grupos rivais; e arrecadar recurso através de doações.

Ainda seguindo a linha de pensamento de Nissen (2014), a principal audiência que gera engajamento e impactos sobre as mensagens de atuação do EI são os apoiadores e simpatizantes, que conquistam e mantêm o seu suporte; recrutas em potencial, principalmente jovens que são privados de seus direitos e são oprimidos no Ocidente para incentivar o apoio e o recrutamento de combatentes estrangeiros para ir ao Iraque e Síria; mídia internacional, para ganhar visibilidade mundial; doadores e a comunidade internacional; e por último, o público local, que são os soldados e as organizações jihadistas rivais no Iraque e na Síria.

Nissen (2014) aponta que o método de disseminação de suas mensagens é baseada em uma abordagem de cima para baixo, onde os níveis mais elevados é constituído nas contas oficiais do grupo que são administrados pelos próprios canais de comunicação do EI, e nos níveis mais baixos estão os disseminadores, que são os simpatizantes do grupo. Nissen (2014) aborda que todos os níveis se organizam através da narrativa estratégica para a utilização de mensagens ou imagens nas diversas redes sociais para sustentar as suas atividades de propaganda.

De acordo com Blaker (2015) a utilização das mídias sociais, como o *Twitter*, *Facebook* e *Youtube*, é uma grande ferramenta para compartilhar imagens, vídeos e mensagens fortes e comoventes. Segundo Farwell (2014), o compartilhamento nas mídias sociais ajuda a promover a retórica do grupo e gerar um sentimento de sucesso nos seus militantes, conquistando o apoio de viajantes, atraindo novos recrutas e intimidando inimigos com vídeos de violência explícita.

Farwell (2014) destaca que o aplicativo *The Dawn of Glad Tidings* (A Manhã das Notícias Felizes), em tradução livre, funcionava como disseminador das mensagens do Estado Islâmico, onde os usuários e simpatizantes do grupo baixavam o aplicativo e automaticamente publicavam mensagens em suas contas particulares do Twitter e isso fez com que o Estado Islâmico sempre estivesse no *trending topics* da plataforma, ou seja, estavam sempre nos assuntos mais comentados do dia. As pessoas que utilizam a plataforma do *Twitter* conseguem

se manter atualizados a respeito do Estado Islâmico que utiliza a plataforma para registrar e mostrar as suas experiências e autoridade, como é dado o exemplo por Farwell (2014) que enquanto o grupo marchava sobre Mosul no Iraque, seus militantes produziram cerca de 40.000 *tweets* - mensagens de até 140 caracteres postadas da rede social *Twitter*.

De acordo com Greene (2015), a utilização das mídias sociais, por parte do EI, facilita a aproximação aos mais jovens, que são de interesse para o recrutamento, por conta da facilidade de treinamento e obediência, conquistando visibilidade da mídia de massa, divulgando imagens de violência dos mesmos, e além do mais, cada jovem recrutado via mídia social fará parte das próximas campanhas de recrutamento. Segundo Nissen (2014), o EI faz uso do conteúdo para receber apoio e ter interação com seus seguidores e públicos-alvo de forma emocional, tanto positiva, como os avanços sociais dentro do Califado, ou negativas, como imagens de guerra e execuções.

Mesmo com a ausência de contato físico e com a distância que causa uma segurança, segundo Berger (2015), é possível criar um laço de intimidade *online*, tendo em vista que com o avanço da tecnologia, de computadores para dispositivos móveis, tem-se a sensação de uma presença online contínua. Um fator que indica o sucesso das redes sociais usadas pelo grupo, conforme Berger (2015), é que além das suas mensagens e narrativas serem simples, elas repercutem porque são coerentes, preenchem um vácuo, são idealistas e prometem sucesso político e militar.

Considerando a propaganda do Estado Islâmico polimórfica, pode-se dizer que as produções audiovisuais de suas propagandas, os atentados realizados na região e no exterior, é uma forma de atingir uma maior audiência e cobertura da mídia tradicional. Segundo Blacker (2015) o grupo terrorista utiliza dos meios das redes sociais, sites, blog e simpatizantes para dar visibilidade e atenção para a sua causa.

As mensagens transmitidas em suas propagandas, mostram uma interpretação da realidade, onde tem-se a necessidade de manter a sociedade da forma em que se encontra ou de modificá-la tanto culturalmente, economicamente ou politicamente. Como é exaltado por Garcia (1982, p.11) “não é mais tão fácil perceber que se trata de propaganda e que há pessoas tentando convencer outras a se comportarem de determinada maneira”.

Garcia (1982, p.28) ainda afirma que “a propaganda ideológica envolve um processo complexo, com termos e fases distintas”. Esse método é constituído por um emissor que

determina a divulgação de seus ideais para influenciar os receptores para suas ideologias e em seguida, as mensagens são disseminadas com o propósito de atingir o máximo de pessoas e no menor tempo possível.

Gates e Podder (2015) ressaltam que mesmo que a propaganda *online* seja o centro de divulgação do grupo, ainda é realizado tradicionais métodos *off-line*, como se organizar em mesquitas ou enviar cartas para prisioneiros. Ristori (2016) salienta que o recrutamento apesar de ser inicialmente *online*, o mesmo, passa por encontros presenciais com militantes do Estado Islâmico que ocorrem em território iraquiano ou sírio.

Para a maioria dos ocidentais e que não vivem em um Califado, é considerado desumano as ideologias radicais implantadas como a Sharia e punições como as decapitações, tortura, imolações e perseguições religiosas de pequenos grupos. Ainda assim, segundo Ristori (2016), as pessoas que são recrutadas de países como Finlândia, Canadá, Estados Unidos, França e Austrália viajam até o Iraque e Síria para fazer parte do Estado Islâmico. Isso mostra o sucesso que o EI tem em recrutar estrangeiros e conforme Ristori (2016), nenhuma outra organização terrorista teve o mesmo sucesso no recrutamento de estrangeiros.

Ainda pode ser ressaltado, que segundo Ristori (2016), a realidade das pessoas que são recrutadas para o Estado Islâmico, muitas vezes é uma realidade onde vivem em pobreza, falta de educação formal e um ambiente de islamismo radical na família, mas existem aqueles que se converteram ao Islã pouco antes de entrar para o EI, como também existem aqueles que são oriundos de famílias muçulmanas e são surpreendidos com a decisão de fazer parte do grupo terroristas. O poder de atrair recrutas de todas as partes do mundo causa uma sensação de legitimidade no EI, criando um ambiente multicultural onde os muçulmanos serão aceitos (RISTORI, 2016).

Sendo assim, o Estado Islâmico atua de forma contínua nas redes sociais, com quantidades consideráveis de conteúdo apelativo e impactante, com linguagem de fácil acesso, gerando uma impressão de estarem alcançando um bem maior para a comunidade e atraindo cada vez mais o olhar do mundo para se ter sucesso online.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos estudos demonstram que é necessário dar um novo formato ao ambiente midiático, devido à internet e suas plataformas digitais, porque, a internet em si, tem impactado os níveis da estrutura dos processos de comunicação. Com o avanço das tecnologias, foi possível transformar a limitação de quem seria o produtor de informação e o modo como as pessoas o consomem, com essa mudança, nos dias atuais, qualquer pessoa pode ser produtor e distribuidor de conteúdo, graças ao potencial interativo das ferramentas *online*, como os blogs e as demais mídias sociais.

Como foi visto, a teoria da Agenda-Setting busca analisar os efeitos da comunicação de massa não só como um processo de convencimento, mas com a existência de informações e conhecimentos na opinião pública e é constituída por um constante desenvolvimento, desenvolvimento este, gerado pela sociedade e suas tecnologias dos meios de informação e comunicação. Por se tratar de uma teoria que aborda os efeitos dos meios de comunicação na sociedade, observa-se que é necessário fazer uma análise de acordo com a nova mídia, a digital.

O Estado Islâmico abalou e impactou o mundo expondo cenas de violência explícita cometidas no Oriente Médio e realizando uma série de atentados em torno do globo. Com o seu objetivo de incorporar o Califado ao redor do mundo, é feito o recrutamento de jovens através das redes sociais, fazendo com que esses jovens deixem suas origens para se integrar ao grupo. As propagandas divulgadas pelo Estado Islâmico, através das mídias sociais, aumentam a visibilidade e o alcance do grupo, acarretando consequentemente no aumento e na facilidade de recrutar novos militantes.

Antigamente, o terrorismo pertencia a conjuntura interna de um determinado Estado; hoje, a execução do terror se organiza em formato de rede, porque não existe limites de fronteiras, a disseminação das mensagens é mais rápida e de fácil acesso.

Conclui-se que o grupo terrorista faz uso da violência como forma de amedrontar e convencer pessoas para o recrutamento, por meios de vídeos e imagens com linguagem simples e clara, sustentando a sua retórica em mitos islâmicos. É importante destacar, que mesmo com sua propaganda de recrutamento, ela só é efetiva em indivíduos que já tenham predisposição para se integrar ao grupo terrorista.

O conceito proposto por Joseph Nye para o entendimento do Hard Power, é possível identificar como os elementos do Hard Power e como a dinâmica da hegemonia mundial funcionam, através do jogo de xadrez tridimensional. Sendo assim, o ator pode se basear nela

para colocar em vigor a hegemonia no Cenário Internacional. Conforme este trabalho foi colocado que o Hard Power se dividir em duas vertentes, a vertente militar e a vertente económica. Desta forma, é possível que o ator perceba o que é necessário para ser eficaz na perspectiva do tabuleiro.

Pode-se perceber que a utilização do Hard Power como resposta ao terror pode não ser a forma mais eficaz de combate ao terrorismo, já que o uso de modelo de guerra gera custos que nem todos os Estados estão dispostos a arcar, é um processo demorado e pode causar um sentimento de vingança por parte dos terroristas, gerando uma resposta militar violenta e consequentemente pode ocorrer uma melhoria em suas táticas de guerra. A expulsão dos militantes de seus territórios pode ser determinante com relação ao enfrentamento do grupo terrorista, evidenciando o enfraquecimento de um dos objetivos do grupo, de estabelecer um califado.

Como sugestões para trabalhos futuros, propõe-se o estudo de métodos de combate ao terrorismo, tendo em vista que o Hard Power é um método vantajoso, mas não é eficaz quando colocado em prática sozinho.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco das Neves. **O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina**. Porto Alegre, 1998. Tese [Doutorado em História] – PUCRS. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp000277.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2019.

AMERICA LATINA EM MOVIMENTO. **GRAFICO 1**. Disponível em: <https://www.alainet.org/pt/articulo/173782>. Acesso em: 21 nov. 2019.

ARAÚJO, Joana Lopes. **O Poder da Palavra Impressa: Sua Difusão e Seu Controle**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1226/1/TCC%20-%20joana.pdf>. Acesso em: 6 jul.2019.

BBC. **De onde vem o dinheiro que financia o Estado Islâmico?** . Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140825\\_financiamento\\_estado\\_islamico\\_1\\_gb](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140825_financiamento_estado_islamico_1_gb). Acesso em: 11 nov. 2019.

BERGER, J. M. **The Metronome of Apocalyptic Time: Social Media as Carrier Wave for Millenarian Contagion**, Perspectives on Terrorism Vol. 9 No. 4, 2015.

BLAKER, Lisa. **The Islamic State's Use of Online Social Media**. Military Cyber Affairs. 2015.

BRASIL. **DECRETO Nº 8.799, DE 6 DE JULHO DE 2016**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/decreto/D8799.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/D8799.htm). Acesso em: 15 out. 2019.

BRESSAN, Renato Teixeira. **Dilemas da rede: Web 2.0, Conceitos, Tecnologias e Modificações**. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

BRIGGS, Asa; BURKER, Peter. **Uma história social da mídia: De Gutenberg à internet**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CAMARGO, Claudia Gabriela. **Reflexões sobre agenda-setting e suas contribuições para estudo do jornalismo**. Intercom. Campo Grande, 2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2012/resumos/R31-0426-1.pdf>.

Acesso em: 20 out. 2019.

CARNEIRO, Rafael Prince. **Diplomacia publica digital: Desafios e oportunidades para a atuação do Itamaraty na internet**. Ministério Das Relações Exteriores. Instituto Rio Branco, Brasília, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Paz e Terra. São Paulo, 1996.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade**. Tradução, Maria Luiza X. de A. Borges, revisão técnica Paulo Vaz, Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 2003. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=nCKFFmWOnNYC&pg=PA234&hl=en#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 15 jul. 2019.

CASTRO, Roberto C. G. (2013). **A Grécia antiga e a comunicação no século XX: aproximações**. CEMOrOc-Feusp / IJI - Univ. do Porto / FIAMFAAM – Comunicação Social. Disponível em: <http://www.hottopos.com/convenit11/69-78Roberto.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2019.

CASTRO, Roberto C. G. **COMUNICAÇÃO NA GRÉCIA ANTIGA: Reflexões para a mídia do século 21**. Disponível em: <file:///C:/Users/emily/OneDrive/Área%20de%20Trabalho/COMUNICAÇÃO%20NA%20GRÁ%20CIA%20ANTIGA.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2019.

CONSELHO DE SEGURANÇA DA ONU. **Resolução 2253, de 17 de dezembro de 2015**. Disponível em: <https://www.io.gov.mo/pt/legis/int/rec/1811>. Acesso em: 15 out. 2019.

CRELINSTEN, Ronald. **Perspectives on counterterrorism: from stovepipes to a comprehensive approach**. Perspectives on Terrorism, [S.I.], v. 8, n. 1, p. 2-15, Nov. 2014.

ERBAY, Tayfun. **The role of the military in counterterrorism: unintended consequences**. 2004. 87f. Thesis (master) - Naval Postgraduate School, Monterey, California, 2012.

FARWELL, James P. **The Media Strategy of ISIS**. 6. ed. Georgetown: Survival, 2014.

FERNANDES, Claudio. **Estado Islâmico**. Disponível em: [historiadomundo.uol.com.br/idade.../estado-islamicogrupo-terrorista.htm](http://historiadomundo.uol.com.br/idade.../estado-islamicogrupo-terrorista.htm). Acesso em: 11 out. 2019.

FINLEY, M. I. **Democracia antiga e moderna**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1989.

FINLEY, M. I., **O Legado da Grécia**. Brasília: Editora da UNB, 1998.

GARCIA, Nelson Jahr. **O que é propaganda ideológica**. São Paulo. 10. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

GATES, Scott; PODDER, Sukanya. **Social Media, Recruitment, Allegiance and the Islamic State**. Perspectives on Terrorism Vol. 9 No. 4, 2015.

GLOTZ, Gustave. **A Cidade Grega**. Difel, Rio de Janeiro, 1980.

GREENE, Kyle J. **ISIS: Trends in Terrorist Media and Propaganda**. Cedarville University, 2015.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

JALAL, Ayesha. **Combatentes de Alá**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

LAZAR, Judith. **Mídia e Aprendizagem. In: Mediamente! Televisão, cultura e educação**. Tradução: Vera Maria Palmeira de Paula. Série de Estudos Educação a Distância, Ministério da Educação, Secretaria da Educação a Distância, Brasília, 1999.

LIPPMANN, W. **Public Opinion**. Nova Iorque: New York Free Press, 1922.

MAGNONI, A. F. **Primeiras aproximações sobre pedagogia dos multimeios para o ensino superior**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, 2001.

MALA, K.B.F; AGNEZ, L. F. **O agenda-setting no Brasil: contradições entre o sucesso e os limites epistemológicos**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, E-compós, Brasília, v. 13, n3: set/dez 2010.

MARROU, H-I. **Educação e Retórica** in: FINLEY, M. (org).O Legado da Grécia. UnB, Brasília, 1998.

MAUDUDI, Alimam Abul A“La. **O Islã hoje**. São Bernardo do Campo, SP: Junta de Assistência Social Islâmica Brasileira, 1990.

MCCOMBS, M. **A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MÍDIA E EDUCAÇÃO. **Globalização, Web 2.0 e movimentos sociais: Castells concede entrevista no Chile**. Disponível em: <https://www.midiaeducacao.com/2010/07/globalizacao-web-20-e-movimentos.html>. Acesso em: 11 out. 2019.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **A ONU e o Terrorismo**. [S.I]: ONUBR, 2017. Disponível em: <http://nacoesunidas.org/acao/terrorismo/>. Acesso em: 17 out. 2019.

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. **O Rádio na era da convergência das mídias**. Cruz das Almas/BA : UFRB, 2012.

NISSEN, Thomas Elkjer. **Terror.com - IS's Social Media Warfare in Syria and Iraq**. Copenhagen: Contemporary Conflicts, 2014.

NYE, Joseph S. **Paradoxo do Poder Americano**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

NYE, Joseph S. **Soft Power**. New York, Estados Unidos: Public Affairs, 2004.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Resolution 1373 (2001)**, [S.I.], 2001. Disponível em:

<https://documentsddsny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N01/557/43/PDF/N0155743.pdf?OpenElement>. Acesso em: 17 out. 2019.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **Radio jornalismo no Brasil: dez estudos regionais**. São Paulo: COM ARTE, 1987.

PRATA, Nair. **Webradio: Novos Gêneros, Novas Formas De Interação**. Tese. Belo horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008.

RINEHEART, Jason. **Conterterrorism and Counterinsurgency. Perspectives on Terrorism**, [S.I.], v. 4, n. 5, p. 31-47, Nov. 2010.

RISTORI, Cristina Martin. **Online Jihad: ISIS's Foreign Recruitment Strategies—Who, What, and How?** Pittsburgh: Carnegie Mellon University, 2016.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998.

RUDZIT, Gunther. **O debate teórico em segurança internacional: mudanças frente ao terrorismo?** . Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/5> , Acesso em: 20 out. 2019.

SABER ATUAL. **MAPA 1**. Disponível em: <http://saberatual.net/?post=308>. Acesso em: 12 nov. 2019.

SANTOS, H.J.P. **Soft Power e Hard Power: Dicotomia ou complementariedade**. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/10562/1/TII%20soft%20power%20hard%20power.pdf>. Acesso em: 20 out. 2019.

SIMON, Jeffrey D. **Lone Wolf Terrorism: understanding the growing threat**. Amherst: Prometheus Books, 2013.

SOREL, Jean-Marc. **Some Questions About the Definition of Terrorism and the Fight Against Its Financing**. European Journal of International Law, 2003.

SPAAIJ, Ramon. **Understanding lone wolf terrorism: global patterns, motivations and prevention**. New York: Springer, 2012.

STEINBERG, James B.; ESTRIN, Miriam R. **Harmonizing policy and principle: a hybrid model for counterterrorism**. Journal of National Security Law & Policy, [S.I.], v. 7, n. 1, p. 161-207, 2014.

STUTE, Dennis. **Vingança é principal mensagem do Estado Islâmico**. Disponível em: <http://www.dw.com/pt/quem-est%3%A1-por-tr%3%A1s-do-estado-isl%3%A2mico/a-18856512>. Acesso em: 11 nov. 2019.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2003.

VIGIL, José Ignacio López. **Manual urgente para radialistas apaixonados.**

Tradução: Maria Luísa Garcia Prada. São Paulo: Paulinas, 2003.

WEISS, Michael; HASSAN, Hassan. **Estado Islâmico.** São Paulo: Seomin, 2015.

Wolf, Mário. **Teorias da Comunicação.** 1.ed. Lisboa: Ed. Presença, 1995.